

# Em Tese

## O CREPÚSCULO DA DEMOCRACIA LIBERAL NO BRASIL: ASCENSÃO E LEGADO DO POPULISMO REACIONÁRIO NO GOVERNO BOLSONARO (2019-2022)

The twilight of liberal democracy in Brazil: rise and legacy of reactionary populism in the Bolsonaro government (2019-2022)

Felipe Trindade de Souza

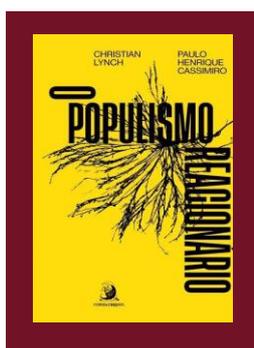
Mestre em Sociologia

Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, São Cristóvão, Brasil

piatrindade@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8902-3270> 

A lista completa com informações do autor está no final do artigo ●



LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário: ascensão e legado do Bolsonarismo**. São Paulo: Ed. Contracorrente, 2022.

**PALAVRAS-CHAVE:** Populismo. Reacionarismo. Governo Bolsonaro.

**KEYWORDS:** Populism. Reactionarism. Bolsonaro government.

Segundo Mencius Moldbug, blogueiro da “direita alternativa”<sup>1</sup> norte-americana, “qualquer um pode crer na verdade, enquanto acreditar no absurdo é uma real demonstração de lealdade” (*apud* Empoli, 2019, p. 13). Tal afirmação pode soar absurda, mas capta o espírito do nosso tempo. Às portas da eleição de 2018, por exemplo, circulou a notícia falsa de que o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), com o intuito de combater a homofobia, distribuiu mamadeiras com bico em formato de pênis em creches. Surpreendentemente, um número considerável de eleitores de Jair Bolsonaro acreditou na “mamadeira de piroca”, termo pelo qual ficou conhecido o objeto mencionado acima. Após sua eleição, notícias que disseminavam pânico moral, como “kit gay” e “boneca trans”<sup>2</sup>, continuaram sendo compartilhadas na mobilização da sua base.

Foi com o objetivo de compreender esse ambiente de radicalização política, “mundos informacionais paralelos” e apologia à violência na presidência de Jair Bolsonaro (2019-2022), que o livro *O populismo reacionário*, de Christian Lynch e Paulo Henrique Cassimiro (2022), foi lançado. Inserido no contexto de trabalhos recentes que investigam a atuação de autocratas ao redor do mundo, como Levitsky e Ziblatt (2018), Mounk (2019) e Empoli (2019), a obra caracteriza o governo Bolsonaro como populismo reacionário que se articulou na corrosão da democracia brasileira.

Lynch e Cassimiro são cientistas políticos que têm interesses de pesquisa predominantemente nas áreas de pensamento político brasileiro e teoria política. Na obra, mobilizam sua *expertise* para demonstrar que, além das transformações políticas globais, a ascensão e atuação do populismo reacionário no Brasil só foi possível por meio da conexão de ideologias de caráter autoritário, buscando compreender origens das ideologias e demonstrar como operaram na degradação do ambiente democrático.

*O populismo reacionário* possui quatro capítulos. O primeiro, “A crise da nova república”, trata das condições que viabilizaram a chegada ao poder de Jair Bolsonaro. Em “O populismo reacionário no poder”, são abordadas as ideologias que sustentaram a tentativa de instaurar um regime autoritário e personalista. O terceiro capítulo, “Estratégia política e organização do populismo reacionário no poder”, versa sobre métodos utilizados pelo governo com objetivo de erodir a democracia liberal. Por fim, em “Uma revolução

---

<sup>1</sup> Fração de extrema direita também conhecido como *alt-right* (do inglês *alternative right*) e que é frequentemente acusada de racismo, xenofobia e antissemitismo. Rejeitam o conservadorismo clássico e utilizam a internet para compartilhar suas visões de mundo, opondo-se frequentemente ao “politicamente correto”, ao feminismo, ao multiculturalismo, a grande mídia e a imigração.

<sup>2</sup> O kit gay foi uma *fake news* que divulgava que o Ministério da Educação distribuiu material didático nas escolas que incentivava os estudantes a homossexualidade. Já a “boneca trans” seria uma boneca produzida no Brasil que usava vestido e tinha órgão sexual masculino.

reacionária frustrada?”, são exploradas as possibilidades abertas até então para que os atores políticos das direitas possam agir na atual crise política brasileira.

Mas o que é populismo? Para Lynch e Cassimiro, é um termo polissêmico que designa o fazer político característico de ambientes democráticos ou de massa, exercido por líder carismático que reivindica a representação da maioria contra o restante da sociedade, recorrendo a discursos baseados na linguagem dos afetos, negando a ideia de representação como competitividade de visões de mundo plurais, construindo a imagem de povo singular, com indivíduos diferentes, mas de entidade homogênea e voz única. O populismo tem ainda duas versões, uma moderada e uma radical, compreendendo a modalidade moderada a que aprofunda a democracia, ampliando a cidadania e os direitos. Mas é o tipo radical que desafia o Estado de Direito e é objeto da obra.

Por isso, julgamos acertado o debate sobre o populismo de maneira multifacetada. Ainda há disputas e imprecisões a respeito do sentido do termo e sua definição está longe do consenso. Há quem questione até sua utilidade analítica. Para os autores, como instrumental analítico e realidade empírica, o que existe são populismos, já que o conceito designa diversas manifestações, nomeando vários tipos de governo, de Hugo Chávez e Nicolás Maduro, na Venezuela, a Viktor Orbán, na Hungria.

Conforme os autores, populistas radicais se aproximam dos reacionários ao dividir a sociedade entre “bons nacionalistas conservadores” (o povo) e “maus cosmopolitas progressistas” (o antipovo). Nessa toada, o reacionarismo se distingue do conservadorismo tradicional; enquanto no último se preserva instituições e valores, operando mudanças “dentro da ordem”, no primeiro se busca romper a ordem vigente para reconstruir uma sociedade equivalente aquela perdida no passado, sempre vista de maneira idílica. Cabe, assim, questionar como foi possível o populismo reacionário vencer eleições livres e quais as condições tornaram viáveis seu florescimento no Brasil.

Para Lynch e Cassimiro, o retorno do conservadorismo, como força política relevante no Ocidente, ocorreu em dois momentos. No contexto internacional, a partir da crise da globalização e do fim do ciclo cosmopolita, iniciado com os ataques às Torre Gêmeas (2001) e finalizado nas crises financeiras, desde 2008. Adiante, no Brasil, desde 2010, havia desgaste do presidencialismo de coalizão, provocado por escândalos de corrupção, que teve nas jornadas de junho de 2013 a expressão primeira da insatisfação popular.

As jornadas de junho de 2013 se tornaram a imagem do desprestígio da política institucional, fortalecendo a “revolução judicialista”. Com a incapacidade da classe política de responder frustrações da população, o ativismo judiciário, ou judicialismo, expresso pela

Operação Lava Jato, representou, à população frustrada, resposta para renovação das práticas políticas – ao mesmo tempo que projetou juízes e promotores como atores políticos.

Porém, segundo a obra, o judiciarismo sofreu revés após o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (2011-2016), em 2016. O Centrão<sup>3</sup> o entendeu como obstáculo na aprovação das reformas de austeridade fiscal e o então presidente Michel Temer (2016-2019) se empenhou na aprovação dessa agenda. Com isso, inicia a fase do “Termidor”, na qual há o esfriamento da “revolução”. Nela, o Centrão descarta as aparências de defesa ao combate à corrupção e alega que o “ativismo judicial” produzia instabilidade jurídica e interferia de modo antidemocrático no Legislativo. Centristas passam a desmoralizar juízes e promotores que apoiaram medidas contra a classe política. Nesse ambiente de terra arrasada, cria-se a possibilidade de surgimento de um presidente antissistema capaz de reiniciar novos padrões de governança.

Desta forma, a obra entende que a Lava Jato viabilizou Jair Bolsonaro, na medida em que devastou o cenário político tradicional e possibilitou o apoio popular a um presidencial *outsider*, mas que estava na política há quase três décadas. Subsequentemente, o segundo capítulo busca responder como e quais ideologias sustentaram a atuação deste governo de caráter autoritário.

De acordo com os autores, durante a presidência de Bolsonaro, os seus partidários empregaram ideal político que objetivava o retorno a um suposto estado de natureza anterior a existência do Estado nacional. Baseados num anti-iluminismo, opunham-se ao pluralismo, a tolerância, ao Estado de Direito e a laicidade, cativando o que há de pior na colonização: o culto à morte e a violência, o autoritarismo, a exploração predatória da natureza, o anti-intelectualismo, o personalismo, o patrimonialismo e o patriarcalismo. E como a história é diminuta na disputa política, os reacionários escolheram épocas recentes, como ditadura militar e período monárquico.

A obra ressalta ainda dois elementos da engrenagem do populismo reacionário, o “anticomunismo redivivo”<sup>4</sup> e o trumpismo<sup>5</sup>. O “anticomunismo redivivo” defende que “a esquerda”, através do sucesso eleitoral, opera “oculta” e gradualmente na destruição de

---

<sup>3</sup> Embora sejam denominados dessa maneira, para os autores, o termo se refere ao conjunto de partidos da direita tradicional brasileira que tem uma atuação política pragmática – o que alguns estudiosos denominam de fisiologismo –; seus membros possuem uma visão predominantemente conservadora moderada.

<sup>4</sup> O anticomunismo redivivo se baseia na tese de que o comunismo revolucionário ganhou uma sobrevida, possuindo novas manifestações e, por isso, precisando ser combatido.

<sup>5</sup> Trumpismo é o termo ligado as ideologias políticas e ao estilo de governança do presidente norte-americano Donald Trump (2017-2021).

instituições e valores democráticos, articulando-se internacionalmente com outros projetos revolucionários. Já o modelo trumpista, adota a “guerra cultural” na desmoralização das elites políticas e culturais, promovendo o negacionismo e revalorizando o papel da religião e do ocultismo na definição da verdade.

O último item do aparato ideológico reacionário é o neoliberalismo, que defende políticas de austeridade fiscal. A aliança entre reacionários e neoliberais produziu o discurso de que o petismo produziu o aumento do Estado, da irresponsabilidade fiscal e o aparelhamento das políticas econômicas em favor de uma “revolução”. Em contrapartida, o empresariado era vítima do Estado, sofrendo com sindicatos, burocracia e impostos. Neste viés, a Administração Pública deveria ter parâmetros técnicos para promover o funcionamento de um mercado ideal.

Percebemos, assim, que mesmo sendo um fenômeno recente, o bolsonarismo agregou rapidamente ideologias nacionais e transnacionais. Unindo posições aparentemente incompatíveis – como o anti-iluminismo e o neoliberalismo –, mas que não impediram o exercício do poder. Cabe aos autores, em seguida, responder quais estratégias e organização o bolsonarismo empreendeu em seu governo.

Para Lynch e Cassimiro, os bolsonaristas se utilizam de uma estratégia de comunicação que perpassa o negacionismo estrutural, método que ganhou projeção na presidência de Donald Trump (2017-2021), nos Estados Unidos, auxiliando a condução de políticas, como o abandono do acordo de Paris sobre mudanças climáticas. Muito antes, porém, Bolsonaro já utilizava o negacionismo. Desde os primeiros mandatos, contestava perseguições e mortes da ditadura militar (1964-1985).

Conforme a obra, a última estratégia que ocorre em paralelo ao negacionismo é o conspiracionismo. Este configura a ideia de que os fenômenos sociais, econômicos e políticos estão ocultos e precisam ser revelados ao povo autêntico, produzindo um ambiente de obediência inquestionável ao autocrata e a propagação de uma cultura da desconfiança, baseada na mobilização constante contra o “inimigo” que conspira. Por esta razão, não é possível compreender o bolsonarismo sem entender seus elementos de organização e estratégia de atuação no poder. Negacionismo e conspiracionismo têm destaque no mecanismo de produção de antagonismos entre o “povo” e seus inimigos, mobilizando ideologias na construção dos mitos e da identidade da nação. Por fim, consideramos o exame das possibilidades que três “imaginários ideológicos” das direitas brasileira tinham a disposição antes das eleições de 2022.

O primeiro é o “golpismo dos militares e neofacistas”. Golpismo este que não usaria meios de um golpe de Estado “clássico”, com tanques e prisão de opositores. Assim como Levitsky e Ziblatt (2018), a obra defende que atualmente países com experiências democráticas não se tornam autocracias, impedindo o livre funcionamento das instituições a força. Embora existisse militares golpistas, não havia apoio suficiente para a aventura. O mais provável era uma insurreição aos moldes do 6 de janeiro dos Estados Unidos, na qual o “povo” resistiria a destituição “ilegítima” do líder<sup>6</sup>. Todavia, para os autores, Bolsonaro não romperia a ordem, estaria mais interessado em tumultuar para ter condições de uma transição por meio de uma “conciliação por cima”.

O segundo imaginário é a “terceira via” dos liberais<sup>7</sup>. Seus representantes ganharam projeção durante a “CPI da Covid” no Senado, expondo suspeitas de corrupção do governo federal na condução da pandemia de Covid-19. A princípio, cogitaram o *impeachment*, porém, com o apoio do Centrão ao presidente, a oposição sonhou com a possibilidade de manobra que retirasse a candidatura de Bolsonaro e abrisse espaço para eles. Para os autores, contudo, historicamente os liberais nunca conseguiram construir uma candidatura viável e erravam ao fazer falsa equivalência entre Lula e Bolsonaro.

Para concluir, o último imaginário das direitas é o da conciliação do Centrão e o da fantasia do Bolsonaro moderado. Nele, conforme os autores, Ciro Nogueira (PP) e Artur Lira (PP)<sup>8</sup>, exigiram “moderação” do presidente para desmobilizar o movimento pelo *impeachment* após seu discurso contra o Supremo Tribunal Federal, no 7 de setembro de 2021. Convenceram-no, ainda, que não se reelegeria acenando apenas para o núcleo da sua base. Isso demonstraria que o Centrão não queria ditadura, mas também não queria a volta do presidencialismo de coalizão, tendo em vista que Bolsonaro entregou o Orçamento aos centristas. Então, na governabilidade do Centrão, o Congresso assumiria a centralidade da política nacional, compartilhando com o Executivo a condução de políticas públicas, além de restringir a proatividade do Judiciário sobre a política, já que o judicialismo é visto como “ativismo judicial” e, por isso, contrário a separação dos Poderes.

---

<sup>6</sup> Em 6 de janeiro de 2021, ocorreu a “invasão ao Capitólio”, em Washington, DC. Na ocasião, partidários de Donald Trump, alegando fraudes na eleição, tentaram impedir a certificação dos votos dos colégios eleitorais e, conseqüentemente, a ratificação da eleição do presidente Joe Biden. Posteriormente, no dia 8 de janeiro de 2023, no Brasil, apoiadores de Jair Bolsonaro emularam trumpistas ao depredarem a sede dos Três Poderes da República em Brasília.

<sup>7</sup> Terceira via porque tentou articular uma candidatura eleitoralmente viável aos dois principais presidenciais, Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro.

<sup>8</sup> Ministro da Casa Civil e presidente da Câmara dos Deputados, respectivamente. Os dois são importantes líderes do Centrão.

O exercício de análise dos imaginários ideológicos das direitas não se trata de pitacos ou palpites. Pelo contrário, constitui exame acurado das possibilidades de ação política que direitistas dispunham no seu repertório de probabilidades históricas e ideológicas antes da eleição de 2022. Se os autores entendem que ideologias têm efeito prático e a ação dos agentes é fruto das suas escolhas, portanto, tudo se relaciona com a maneira que imaginam as consequências. O golpismo dos neofascistas, a título de exemplo, frequentemente, parodiou a extrema direita estrangeira e isso permitiu a Lynch e Cassimiro estabelecer possibilidades de ação política que vieram a se concretizar.

Nesse sentido, *O populismo reacionário* é uma contribuição na compreensão do processo de radicalização política e de crise da democracia liberal que o Ocidente e o Brasil vêm passando, auxiliando pesquisas que pretendem entender ideologias e discursos que operam para o fechamento do horizonte democrático. Para além de reafirmar a utilidade analítica do conceito de populismo, cooperando no repertório dos defensores da democracia, uma vez que, em meio a cacofonia, demonstra que o populismo pode aprofundar ou destruir instituições democráticas. Como Barros e Lago (2022) demonstram, retóricas que se valem do termo “populismo” para igualar políticos, com diferenças profundas no compromisso com a democracia, se mostram arriscadas e ineficazes, pois conferem normalidade a candidaturas de autoritários.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Thomás Zicman de; LAGO, Miguel. **Do que falamos quando falamos de populismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário: ascensão e legado do Bolsonarismo**. São Paulo: Ed. Contracorrente, 2022.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MOUNK, Yascha. **O povo contra democracia: por que a nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.



## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA

O CREPÚSCULO DA DEMOCRACIA LIBERAL NO BRASIL: ASCENSÃO E LEGADO DO POPULISMO REACIONÁRIO NO GOVERNO BOLSONARO (2019-2022)

### Felipe Trindade de Souza

Mestre em Sociologia

Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, São Cristóvão, Brasil

piatrindade@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8902-3270>

### Endereço de correspondência do principal autor

Praça Sebastião Garcez, 51, 49400-000, Lagarto-SE, Brasil.

### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### HISTÓRICO

Recebido em: 20/10/2023

Aprovado em: 20/02/2024

